

Delícias caseiras feitas em São Geraldo

FOTOS: KADIDJA FERNANDES/AT

Cozinheiras de mão cheia preparam capeletti, pães, salgados e quitutes para vender na hora ou sob encomenda no bairro

Pães, capeletti, salgados, mentiras, roscas e bolos podem ser comprados em São Geraldo, em Cariacica. Tudo feito em casa por cozinheiras de tradição do local.

Há 20 anos, Leonildes Negrini, 76, montou uma pequena fábrica de pães, mentiras, roscas e salgados dentro de casa. Ela disse que já trabalha com os quitutes há 30 anos.

Na cozinha de sua casa, ela mistura a tecnologia das estufas, como as de padaria e forno industrial, com as velhas práticas, como a técnica da bolinha de massa em um copo d'água para ver a hora que o fermento fez o pão crescer.

"Faço tudo sozinha. Às vezes começo de madrugada a preparar as massas e sempre tenho pães caseiros grandes, menores, mentiras e roscas fresquinhas", frisou.

E o melhor de tudo, segundo ela, é que nada do que faz tem fermento comprado.

"Eu mesma faço o meu fermento, sem química nenhuma. Faço tanta massa por dia, que só trabalho com um tipo de trigo, que vem de outro estado em pacotes grandes", disse.

E as delícias feitas por Leonildes já ficaram tão conhecidas na região que ela nem precisa sair para vendê-las. "As pessoas do bairro já me conhecem e vêm aqui comprar. É assim há 20 anos".

E para quem quer muita quantidade, o jeito é encomendar com alguns dias de antecedência.

"Vendo salgados para festas também. Fritos ou assados. O cento sai, em média, por R\$ 25,00", explicou a cozinheira. Já o pão caseiro grande custa R\$ 3,00.

Outro sucesso no bairro é o capeletti das irmãs Penha Terezinha



URNA

Os moradores de São Geraldo, em Cariacica, podem sugerir reportagens e reivindicar melhorias para o bairro, depositando as dicas por escrito na urna do projeto **A Tribuna com Você**, que está na Pães e Doces Padaria, Confeitaria e Lanchonete, na rua Santana, 105.

Cabrini, 58, e Rita Bernadete Cabrini, 55.

Elas montaram um negócio no bairro há oito anos e com uma receita de família, a filha de Penha resolveu começar a fazer o capeletti para ganhar um dinheiro extra.

"Como ela conseguiu um emprego, eu e minha irmã continuamos a fabricação há mais de cinco anos", contou.

As duas chegam a fazer cerca de 30 quilos da massa por semana, em épocas de maior movimento. "Temos duas pessoas que revendem para nós em Cariacica e vendemos também na própria loja. Para quem quiser muita quantidade, é preciso encomendar", comentou.

O preço do quilo do capeletti vendido pelas irmãs sai a R\$ 14,00 e elas garantem que a qualidade é de primeira.

"Hoje temos uma máquina para esticar a massa, mas ainda só usamos frango fresco e fazemos os chapéus um por um na mão", completou.



Leonildes montou uma fábrica de pães caseiros há 20 anos

HISTÓRIA DO BAIRRO

- O bairro São Geraldo foi fundado a partir de loteamento, iniciado em 1952.
- Na época, o local foi chamado de Bela Vista, mas em função da quantidade de barracos, ficou conhecido como Morro da Favela.
- Hoje, o cenário mudou, e as casas e

sobrados estão sendo substituídos por edifícios.

- Com o passar dos anos, o bairro teve seu nome mudado para São Geraldo.
- Na década de 70, o local recebeu calçamento e energia elétrica.

Fonte: Moradores de São Geraldo.

RECORDAÇÕES

BREJO - A aposentada Maria Borges Globério, 76, conhecida como Mariquinha, contou que, quando se mudou para São Geraldo, só existiam três casas nas proximidades.

"Vim de Minas Gerais há 44 anos com a família e compramos logo três terrenos de tão barato que eram os lotes", contou.

Ela disse que o bairro era um brejo e as ruas eram estradas de chão. "A família logo abriu um comércio, mas para fazer compras, todos iam a Campo Grande".

Segundo Mariquinha, na época, eles iam muito à Praia da Costa, que não tinha nem prédios ainda. "Lembro que no bair-



ro o asfalto demorou muito a chegar, mas depois de uns 10 anos, eles fizeram um calçamento de paralelepípedo e alguns moradores começaram a puxar energia elétrica", disse.

POÇO - As vizinhas Marcina Schereder Stey, 67, e Dovilda Pelissão Salomão, 76, chegaram ao bairro há 43 anos.

Segundo Marcina, a família construiu um barraco de madeira no local. No final da rua, havia uma cerca e era uma roça, onde eram plantadas bananas, coco e aipim.

"O bairro era cheio de barracos de madeira. Como não havia água encanada ainda, meu marido fez um poço em casa, que funciona até hoje", contou Marcina.

Dovilda disse, ainda, que a igreja católica do bairro ainda não existia e a casa dela serviu como local para celebrações



durante algum tempo.

"A construção da atual igreja só começou há 37 anos, quando a comunidade comprou um lote na parte de cima do morro", lembrou.